

LUÍS DE CAMÕES.

A GLOBAL POET FOR TODAY

HELDER MACEDO AND THOMAS EARLE

(EDS.) ANDRÉ CARRILHO (ILUSTRADOR)

Lisboa: Lisbon Poets & Company, 2019

360 páginas. ISBN 9789895467327

Dar a conhecer Camões a leitores do século XXI é um propósito tão louvável quanto difícil. Essa é nomeadamente, em Portugal, a tarefa dos professores do Ensino Básico e Secundário, a quem cumpre falar regularmente de *Os Lusíadas* a alunos de 14/15 anos e da lírica no ano subsequente. A pergunta parece não encontrar resposta: como se pode demonstrar o valor e a “atualidade” da criação camoniana a jovens que desconhecem da poesia ou a têm por forma de *comunicação anacrónica*?

Mas se a dificuldade se coloca para leitores de língua portuguesa, o que dizer quando se trata de levar Camões ao conhecimento de um público que não só desconhece a língua como não conhece a cultura que lhe serve de enquadramento?

Este foi, nem mais nem menos, o desafio que Helder Macedo e Thomas Earle decidiram aceitar, preparando uma antologia bilingue da obra camoniana (Português/Inglês). Não foram poucas as opções que tiveram que tomar. E nenhuma delas se afigurava fácil. A primeira residia na escolha dos textos. Seguramente condicionados pelo formato da coleção em que o volume se integra, Macedo e Earle selecionaram 50 textos, distribuídos pela épica (14

extratos) e pela lírica, incluindo 36 poemas, sendo 8 em medida velha e os restantes em medida nova.

Em face desta distribuição, não há dúvida de que estamos perante uma antologia equilibrada e bem representativa da obra de Camões. Não faltam os principais registos modais e estilísticos como não faltam os temas essenciais que assinalam o mundo do nosso poeta maior.

Uma segunda escolha a fazer pelos autores relaciona-se com as fontes. Embora não existam muitos problemas de substância quanto à fixação do texto épico, os autores mencionam duas edições: a de Costa Pimpão e a de António José Saraiva. Como é sabido, trata-se de fontes diferentes: a primeira é mais destinada a um público universitário (sendo por isso, desde logo, menos anotada); já a segunda, é mais provida de comentários interpretativos, uma vez que visa um público mais alargado.

No que toca à Lírica, porém, sobrevivem dúvidas de vários tipos, envolvendo não apenas a fixação do texto como a própria atribuição autoral. Neste caso, os antologiadadores recorreram conjuntamente a três fontes: a edição da *Lírica Completa*, preparada por Maria de Lurdes Saraiva e vinda a lume em 1980, a edição dos sonetos, da responsabilidade de Cleonice Berardinelli (publicada em Paris, no mesmo ano jubilar) e os 5 volumes laboriosamente organizados por Leodegário de Azevedo Filho, publicados entre 1985 e 2001.

O recurso a fontes tão diferentes e tão diversas poderia suscitar, desde logo, a questão da autenticidade de algumas composições. Basta lembrar que, em termos de cânone, as edições de Saraiva e de Leodegário se encontram justamente nos antípodas uma da outra: a primeira acolhendo mais de seis centenas de composições e a segunda mal ultrapassando a centena. Ainda assim, embora sinalizando fontes variadas, os autores do volume optaram por incluir apenas textos que figuram nas edições mais aceites: Pimpão, Cidade e Leal de Matos. Deduz-se assim que, mais do que qualquer outro objetivo, a alusão a fontes tão diversas se destina não a confundir o leitor mas precisamente a informá-lo acerca dos alinhamentos dissonantes que subsistem sobre tais matérias.

Num empreendimento desta natureza, a Introdução assume importância central. Tendo em vista o público esperado, impõe-se que o texto seja claro mas não redutor, seguro mas não exageradamente erudito. Em meu juízo, as vinte páginas que antecedem a Antologia cumprem plenamente estes requisitos. Revelam-se muito úteis a quem pouco ou nada conhece do autor em causa mas não deixam de conter pistas de reflexão que aproveitam a quem estiver mais familiarizado com a obra camoniana.

Esta notável combinação entre clareza e profundidade só podia ter sido alcançada por alguém que tivesse uma longa e intensa proximidade com a obra do poeta e com os problemas que

ela suscita. É evidentemente o caso de Helder Macedo. O texto introdutório é assim um verdadeiro ensaio sobre a obra camoniana globalmente concebida. Como síntese (forçosamente mais contida do que aquela que o mesmo autor escreveu para um outro empreendimento bilingue (Português/Castelhano) vindo a lume em 2007, o atual texto poderia figurar numa qualquer enciclopédia cultural de vocação cosmopolita. Contém informação segura e encerra uma proposta de leitura pessoal que, de acordo com o título do livro, destaca justamente a globalidade e a atualidade do poeta.

O facto de se destinar a um público essencialmente não-português explica a ênfase na ideia de que Camões é um poeta *renovador* ou mesmo *pioneiro*.

É o que ocorre quando se sintetiza desta forma a relação do poeta com a diversidade dos seus modelos: “Camões filled old bottles with new wine” (p. 17). É ainda o que sucede quando se refere o sensualismo presente na lírica camoniana: “Few poets, before or after Camões, have celebrated feminine sexuality as much he did” (p. 19); ou, mais concretamente ainda, quando se evoca a celebração do amor físico e espiritual que envolve a “mulher negra”: “not as an exotic import or a literary gloss of the blackbut comely woman of the Song of Solomon, but as a recognition of the value of difference” (p. 21).

Confrontado com asserções deste tipo, o leitor que nada sabe de Camões

pode sentir-se atraído pela leitura do volume. Já o leitor que conhece o poeta sente-se estimulado para rever ideias que talvez tivesse por inamovíveis. Não necessita sequer de aderir às propostas de leitura de Macedo, de forma imediata e integral. Mas retém uma visão desafiadora que lhe permite o confronto, quer com outras perspectivas quer com a sua própria visão.

A seleção dos fragmentos da epopeia e da lírica é pelo menos representativa. Refletindo naturalmente o gosto dos antologiadorez, não se encontra ferida pelo principal defeito das antologias: a falta de proporção. Nela encontramos diversidade criteriosa (notámos a importância reconhecida aos poemas em medida velha) e nela encontramos, sobretudo, um conjunto de textos que fazem ainda mais sentido em função do agrupamento a que são sujeitos.

Não é a primeira vez que a obra de Camões é traduzida para Inglês. Desde 1655 até aos nossos dias, vieram a público várias versões da epopeia (parciais ou integrais). Já as traduções de textos líricos são em bem menor número e mais recentes (datam todas do século XX).

Nessa perspectiva, a atual obra representa um empreendimento valioso e equilibrado, com grande potencial de impacto em vários tipos de público.

Ainda assim, podem notar-se duas faltas. A primeira prende-se com a falta de enquadramento dos episódios de *Os Lusíadas*; a segunda relaciona-se com a ausência de algumas notas capazes de

esclarecer sentidos pontuais dos textos traduzidos. Sem enquadramento e sem notas, o leitor menos preparado vê-se obrigado a recuperar mais vezes a Introdução. A verdade, porém, é que na sua abrangência, o elegante e bem fundamentado texto de Macedo não poderia incluir respostas para todas as perguntas que podem fazer-se, a propósito de alguns dos textos que figuram na antologia.

Na p. 178, por exemplo, logo a seguir ao belíssimo soneto “Um mover d’olhos brando e piadoso”, encontramos o texto que começa “Porém já cinco sóis eram passados”. Se o leitor português pode reconhecer logo o início do episódio do Adamastor, outro, menos preparado, sentirá a falta de uma explicação contextualizadora.

O mesmo pode acontecer com o episódio de Inês de Castro (pp. 92-104). As imortais estâncias de Camões valem bem por si mesmas. Mas o leitor gostaria de saber algo sobre a oportunidade do tema numa epopeia e sobre a importância que ele ocupa na cultura portuguesa.

A propósito do alinhamento de textos, pode haver quem fique com pena de não ver contempladas as estâncias que encerram o Canto IV, dedicadas às despedidas de Belém.

Apesar de me faltar conhecimento para me pronunciar criticamente sobre o trabalho de tradução levado a efeito por Thomas F. Earle, atrevo-me a dizer que também a este nível a Antologia encontrou o tradutor indicado. Colo-

car o português de Camões em inglês semanticamente perceptível e foneticamente harmonioso e manter a fidelidade ao espírito do autor não está ao alcance de muitos. É necessário dominar bem os dois idiomas, desde logo; mas é sobretudo preciso ter uma grande experiência de contacto com textos portugueses do século XVI. Por último, é imprescindível conhecer em profundidade o mundo camonianiano e as muito diferentes formas de expressão que o servem. São requisitos de muita exigência, que no tradutor em causa convergem com raríssima felicidade. Tudo isso contribui para o pequeno milagre que é vermos as redondilhas de “Sobre os Rios que vão” vertidas em inglês e, mesmo assim, permanecerem não só reconhecíveis mas potenciadas na sua modernidade de grito angustiado e de superação mística.

Importância integradora tem, por fim a vintena de ilustrações que André Carrilho concebeu para este volume. Todas surpreendem pela beleza, pela adequação ao texto e pela capacidade de evocar e alargar a leitura. Retenho, em especial, as que figuram na p. 69 (referente ao soneto “Eu cantarei de amor tão docemente”), na p. 175 (alusiva à figura da Bárbara escrava) na p. 201 (a propósito do soneto “Alma minha gentil que te partiste”) ou na p. 231, introduzindo as redondilhas de “Sobre os rios que vão”.

Em face de tantas características louváveis, existem fundas razões para agradecer aos Professores Helder Macedo e Thomas Earle o serviço que

acabam de prestar à língua e à cultura portuguesa. Nas suas duas vertentes, o título que escolheram para o seu livro (“...a global poet for today”) fica bem demonstrado no carácter prospetivo da Introdução, no critério que presidiu à escolha dos textos e na propriedade versátil da tradução que nos é apresentada. É justo salientar, de resto, que se trata de um serviço que se soma a muitos outros já prestados por aqueles professores à causa da Língua e da Literatura Portuguesa, tão necessitada de militância serena e qualificada.

José Augusto Cardoso Bernardes

<https://orcid.org/0000-0002-8019-2465>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_11_20

TEXTOS FUNDAMENTALES

SOBRE PORTUGAL

MIGUEL DE UNAMUNO

ÁNGEL MARCOS DE DIOS (ED.)

Salamanca: Luso Española de Ediciones (2020)

135 páginas. ISBN 9788415712428

SAUDADES DE PORTUGAL

RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA

ANTONIO SÁEZ DELGADO E PABLO

JAVIER PÉREZ LÓPEZ (ED.)

Lisboa: Abysmo (2019)

152 páginas. ISBN 9789899014008

Miguel de Unamuno e Ramón Gómez de la Serna são duas figuras centrais da cena literária espanhola novecentista, que têm em comum um invulgar interesse por Portugal numa época em